

Enfermagem na prevenção de infecções hospitalares: Uma revisão da literatura¹

Nursing in the prevention of hospital infections: A review of the literatura

Enfermería en la prevención de infecciones hospitalarias: Una revisión de la literatura

Danyelle Oliveira Fontes²

Mônica Santos Amaral³

Resumo: Algumas infecções hospitalares são evitáveis e outras, não. Infecções preveníveis são aquelas em que se pode interferir na cadeia de transmissão. A interrupção desta cadeia pode ser realizada por meio de medidas reconhecidamente eficazes, como a lavagem das mãos. O profissional enfermeiro é visto como o principal responsável pelo papel educativo de toda a equipe de saúde, considerando o melhor vínculo com a equipe, assim como sua supervisão contínua, tendo como funções planejar, implementar e participar dos programas de formação, qualificação contínua e promoção da saúde dos trabalhadores. **Objetivo:** Compreender a importância do Controle de Infecção Hospitalar nas Unidades de Terapia Intensiva. Assim como, reconhecer a importância da educação continuada e o papel da enfermagem na prevenção e controle das infecções hospitalares. **Materiais e Método:** estudo do tipo exploratório, bibliográfico com análise integrativa, qualitativa da literatura disponível nas bases LILACS e SCIELO. **Resultados:** Após uma leitura exploratória das publicações permitiu selecionar 16 artigos, sendo seis da base LILACS e dez da base SCIELO. **Considerações finais:** Baseado nos estudos encontrados destaca-se a dificuldade de manter a sustentabilidade das taxas de adesão à Higienização das Mãos, sendo que esta depende de diversos fatores, inclusive aspectos individuais, comportamentais, culturais, organizacionais, dentre outros, que devem ser levados em consideração durante o planejamento das estratégias a serem empregadas. Nessa perspectiva, a Infecção Hospitalar representa importante problema de saúde pública, tanto no Brasil quanto no mundo e constitui risco à saúde dos usuários dos hospitais que se submetem a procedimentos terapêuticos ou de diagnóstico. Sua

¹Artigo apresentado ao Curso de Pós-Graduação em Enfermagem em SCIH, do Centro Goiano de Ensino, Pesquisa e Pós-graduação, CGESP.

² Enfermeira, Especialista em Endocrinologia pelo Programa de Residência Multiprofissional do Hospital Alberto Rassi (HGG – SES). E-mail: nyelle-15@hotmail.com

³ Enfermeira, Especialista em UTI, Urgência e Emergência, Enfermagem do Trabalho, Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Atenção à Saúde PUC-GO. Docente do CGESP. E-mail: coordenacao.ead@cgespensino.com

prevenção e controle dependem, em grande parte, da adesão dos profissionais da área da saúde às medidas preventivas.

Descritores: Infecção hospitalar; Unidades de terapia intensiva; Educação continuada.

Abstract: Some hospital infections are preventable and some are not. Preventable infections are those that can interfere with the chain of transmission. Discontinuation of this chain can be accomplished by measures known to be effective, such as hand washing. The professional nurse is seen as the main responsible for the educational role of the entire health team, considering the best link with the team, as well as its continuous supervision, with the functions to plan, implement and participate in the programs of training, continuous qualification and promotion workers' health. Objective: To understand the importance of Hospital Infection Control in Intensive Care Units. As well as, recognize the importance of continuing education and the role of nursing in the prevention and control of hospital infections. Materials and Methods: exploratory, bibliographic study with integrative analysis, qualitative literature available in LILACS and SCIELO databases. Results: After an exploratory reading of the publications, it was possible to select 16 articles, six of the LILACS database and ten of the SCIELO database. Final considerations: Based on the studies found, it is worth noting the difficulty of maintaining sustainability of the rates of adherence to Hand Hygiene, which depends on several factors, including individual, behavioral, cultural and organizational aspects, among others, that should be taken into consideration when planning the strategies to be employed. In this perspective, Hospital Infection represents an important public health problem, both in Brazil and in the world, and constitutes a risk to the health of users of hospitals who undergo therapeutic or diagnostic procedures. Its prevention and control depend, in large part, on the adherence of health professionals to preventive measures.

Descriptors: Hospital infection; Intensive care units; Continuing education.

Resumen: Algunas infecciones hospitalarias son evitables y otras, no. Las infecciones prevenibles son aquellas en las que se puede interferir en la cadena de transmisión. La interrupción de esta cadena puede ser realizada por medio de medidas reconocidamente eficaces, como el lavado de las manos. El profesional enfermero es visto como el principal responsable del papel educativo de todo el equipo de salud, considerando el mejor vínculo con el equipo, así como su supervisión continua, teniendo como funciones

planificar, implementar y participar en los programas de formación, cualificación continua y promoción de la salud de los trabajadores. Objetivo: Comprender la importancia del Control de Infección Hospitalaria en las Unidades de Terapia Intensiva. Así como, reconocer la importancia de la educación continuada y el papel de la enfermería en la prevención y control de las infecciones hospitalarias. Materiales y Método: estudio del tipo exploratorio, bibliográfico con análisis integrativa, cualitativa de la literatura disponible en las bases LILACS y SCIELO. Resultados: Después de una lectura exploratoria de las publicaciones permitió seleccionar 16 artículos, siendo seis de la base LILACS y diez de la base SCIELO. En el presente estudio se analizó la dificultad de mantener la sostenibilidad de las tasas de adhesión a la Higienización de las manos, que depende de diversos factores, incluyendo aspectos individuales, comportamentales, culturales, organizacionales, entre otros, que deben ser llevados en consideración durante la planificación de las estrategias a ser empleadas. En esta perspectiva, la Infección Hospitalaria representa un importante problema de salud pública, tanto en Brasil como en el mundo y constituye un riesgo para la salud de los usuarios de los hospitales que se someten a procedimientos terapéuticos o de diagnóstico. Su prevención y control dependen en gran parte de la adhesión de los profesionales del área de la salud a las medidas preventivas.

Descriptor: Infección hospitalaria; Unidades de terapia intensiva; Educación continua.

1 INTRODUÇÃO

Segundo a Portaria n. 2616/98 do Ministério da Saúde, infecção hospitalar (IH) é aquela adquirida após admissão do paciente e que se manifeste durante a internação ou após a alta, quando relacionada com a internação ou a procedimentos hospitalares / ambulatoriais ou as manifestadas antes de 72 horas da internação, porém associadas a procedimentos diagnósticos e / ou terapêuticos, realizados durante este período.

Ressaltamos que, desde a promulgação da Lei do Ministério da Saúde Nº 9.431, de 06 de janeiro de 1997, todos os hospitais brasileiros são obrigados a constituírem uma Comissão de Controle de Infecção Hospitalar (CCIH), que deve elaborar o Programa de Controle de Infecções (PCI), definido como um conjunto de ações desenvolvidas deliberada e sistematicamente. Esse programa tem como objetivo reduzir ao máximo possível à incidência e gravidade dessas infecções, repercutindo diretamente na melhoria da qualidade dos serviços prestados pelo hospital (ANVISA, 2000).

O profissional enfermeiro é visto como o principal responsável pelo papel educativo de toda a equipe de saúde, considerando o melhor vínculo com a equipe, assim como sua supervisão contínua, tendo como funções planejar, implementar e participar dos programas de formação, qualificação contínua e promoção da saúde dos trabalhadores (PEREIRA, 2005) .

O papel da Enfermagem no controle da Infecção Hospitalar está presente desde suas primeiras descobertas. Florence Nightingale já apresentava preocupação com essa problemática e durante a Guerra da Criméia padronizou procedimentos de cuidados de enfermagem voltados à higiene e limpeza dos hospitais, introduzindo principalmente técnicas de anti-sepsia, com a finalidade de diminuir os riscos desse tipo de infecção (ANVISA, 2014).

Os fatores de risco associados à aquisição de infecções, de um modo geral, estão relacionados ao próprio paciente, aos procedimentos invasivos e ao ambiente hospitalar e a enfermagem é a categoria profissional mais envolvida com os cuidados ao paciente, direta ou indiretamente, e, conseqüentemente, com a profilaxia e controle de infecções relacionadas à assistência, em que a higiene das mãos tem um papel importante.

Para Pereira (2005) Algumas infecções hospitalares são evitáveis e outras, não. Infecções preveníveis são aquelas em que se pode interferir na cadeia de transmissão. A interrupção desta cadeia pode ser realizada por meio de medidas reconhecidamente eficazes, como a lavagem das mãos.

De acordo com Santos (2012) A higienização das mãos é considerada a ação isolada mais importante no controle de infecção no serviço de saúde. Porém, a falta de adesão dos profissionais de saúde a esta prática é uma realidade que vem sendo constatada ao longo dos anos e tem sido objeto de estudo em diversas partes do mundo.

A pele é o órgão mais extenso do nosso organismo, funciona como proteção contra agentes externos de qualquer natureza e também regula a saída de água e eletrólitos do nosso corpo. Devido a sua grande extensão, a pele é colonizada por diversos microrganismos, portanto, a sua microbiota é classificada como residente ou transitória. A microbiota residente possui microrganismos que colonizam camadas mais profundas da pele, por isso, é pouco provável que ocorra uma infecção de contato com esses patógenos. A microbiota transitória é facilmente adquirida pelos profissionais da área de saúde que entram em contato direto com pacientes infectados e objetos contaminados. Essa microbiota é facilmente removida através da técnica correta de lavagem das mãos, em que se utilizam apenas água e sabão. Caso essa técnica não seja rigorosamente cumprida, esses microrganismos podem ser transmitidos de um paciente para o outro por

meio das mãos dos profissionais de saúde e, assim, ocasionar uma infecção, principalmente em se tratando de pacientes imunodeprimidos (BRASIL, 2014).

Estudos revelam que as infecções hospitalares representam as mais frequentes complicações do tratamento em UTI.

Os custos dessas infecções impõem um encarecimento do atendimento, na medida em que causa aumento da demanda terapêutica (gastos com antibiótico), da permanência hospitalar e da morbi-mortalidade. Esses custos são classificados pelo MS como: custos diretos, que estão intimamente relacionados às despesas do paciente com IH; indiretos, que são resultantes da morbidade, como afastamento de trabalho, sequela de alguma doença ou mesmo morte e os custos inatingíveis, impossíveis de serem medidos economicamente, pois compreendem os distúrbios provocados pela dor, mal-estar, isolamento, angústia e pelo sofrimento experimentado pelo paciente no ambiente hospitalar (SILVA, 2000, CAVALCANTI; HINRICHSEN, 2004).

Nessa perspectiva, a Infecção Hospitalar representa importante problema de saúde pública, tanto no Brasil quanto no mundo e constitui risco à saúde dos usuários dos hospitais que se submetem a procedimentos terapêuticos ou de diagnóstico. Sua prevenção e controle dependem, em grande parte, da adesão dos profissionais da área da saúde às medidas preventivas (LACERDA, 2003).

2 OBJETIVO

- Reconhecer o papel da enfermagem na prevenção e controle de infecções hospitalares.

3 METODOLOGIA

Trata-se de um estudo de revisão bibliográfica quantitativa, esse método tem um papel fundamental para a educação continuada, pois permite aos leitores adquirirem e atualizarem o conhecimento sobre uma temática específica em um curto espaço de tempo (ROTHER, 2007).

A pesquisa aborda uma revisão de literatura com pesquisa realizada em periódicos científicos nacionais disponíveis na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), *Scientific Electronic Library Online* (SCIELO), *Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde* (LILACS), compreendendo o período de 2013 a 2017.

Foram encontrados 1.033 textos, sendo 756 na base de dados LILACS e 277 no SCIELO. Após leitura previa, foram selecionados 25 textos na base LILACS e 20 na SCIELO. Uma leitura exploratória das publicações permitiu selecionar 16 artigos, sendo seis da base LILACS e dez da base SCIELO. A leitura analítica possibilitou reunir os dados necessários para contemplar os objetivos do estudo da importância do controle de infecção hospitalar nas unidades de terapia intensiva, assim como a educação continuada e o papel da enfermagem na prevenção e controle das infecções hospitalares, resultados obtidos e conclusões.

Os resultados são apresentados de forma descritiva, com o auxílio de tabelas de frequência simples, para melhor compreensão de alguns aspectos quantitativos; e as ideias chaves comuns entre os autores foram ordenadas e relacionadas no formato de capítulos para melhor compreensão do tema. Os descritores utilizados foram: Controle de infecção hospitalar; Unidades de terapia intensiva; Educação em saúde.

Critérios de inclusão: textos escritos em português, publicados em periódicos brasileiros na forma de artigos, que estivessem disponíveis no meio eletrônico na íntegra de 2013 a 2017. O critério de exclusão foram artigos que fizeram fuga ao tema.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram selecionados para a presente pesquisa 15 artigos conforme descritos no quadro abaixo:

Quadro 1: Distribuição de 16 artigos brasileiros sobre a importância do controle de infecção hospitalar nas unidades de terapia intensiva, assim como a educação continuada e o papel da enfermagem na prevenção e controle das infecções hospitalares, segundo autores, bases, ano e resultados. Goiânia-GO, 2017.

	Autor (ano)	Título	Principais resultados
1	Oliveira, A.C.; Paula, A.O. (2013)	Intervenções para elevar a adesão dos profissionais de saúde à higiene de mãos: revisão integrativa	O grande desafio encontrado se constituiu em não só elevar as taxas de adesão à higiene de mãos, mas, sobretudo, mantê-las elevadas. Observou-se a necessidade de utilizar estratégias multimodais que contribuam para a mudança de comportamento considerando a realidade local.

2	Fonseca, G.G. P.; Parcianello. M.K. (2014)	O enfermeiro na comissão de controle de infecção hospitalar na perspectiva ecossistêmica: relato de experiência	Este estudo se torna relevante, considerando que, a cada dia que passa, as infecções hospitalares (IH) vêm crescendo consideravelmente nos hospitais e nos estabelecimentos de saúde. Esse crescimento se dá pela evolução tecnológica dos procedimentos, diagnósticos e terapêuticos invasivos, assim como por falha no processamento de instrumentais e ineficazes medidas de precaução.
3	Dutra, G.G; Costa, M.P.; Bosenbecker,E.O .; Lima, I. M.; Siqueira, H.C.H.; Cecagno, D. (2015)	Controle da Infecção Hospitalar: Função do Enfermeiro	Evidenciou-se a grande responsabilidade que o enfermeiro tem em relação à prevenção e controle das infecções hospitalares. Ressalta-se que o comprometimento do enfermeiro em relação às ações que desempenha com a equipe a qual gerencia se reflete no cuidado prestado e corrobora em uma forma de avaliação da qualidade da assistência prestada.
4	Tarso, A.B.; Delgado, C.C.; Alves, D.A.B.; Fontes, F.C.; Santos, P.V.A. (2017)	A higienização das mãos no controle da infecção hospitalar na Unidade de Terapia Intensiva	As infecções relacionadas ao ambiente hospitalar e a assistência prestada é um grande problema de saúde pública. O tempo de hospitalização acima do esperado por conta de uma infecção hospitalar causa sofrimento para o paciente e sua família. A lavagem das mãos realizada de maneira correta é uma técnica de extrema importância, pois reduz significativamente as ocorrências de infecções hospitalares. É de grande importância que a enfermagem esteja no processo do controle das infecções hospitalares, pois seus profissionais têm contato direto com o paciente por tempo mais prolongado.
5	Fernandes, A.C.L.; Lima, D.W.C.; Lima, L.C.S.; Oliveira, L. K.S.; Vieira, A.N. (2014)	Sistematização da assistência de enfermagem na prevenção de infecções em unidade de terapia intensiva	Durante a realização do exame físico e do plano de cuidados, alguns princípios de assepsia não foram respeitados, a SAE na uti estudada é incipiente e suas etapas atendem mais as rotinas institucionais do que as necessidades de cuidado dos pacientes.
	Pereira, S.S.P.;	Desinfecção com	Observa-se que embora constitua um dos

6	Oliveira, H. M.; Turrini, R.N.T.; Lacerda, R.A. (2015)	hipoclorito de sódio em superfícies ambientais hospitalares na redução de contaminação e prevenção de infecção: revisão sistemática	desinfetantes mais tradicionais, o hipoclorito permanece sendo estudado e comparado com outras tecnologias e produtos. Consta-se que o hipoclorito apresentou ação superior ou equivalência à maioria dos outros produtos, com ampla ação microbicida, inclusive esporos, e ação progressiva conforme maior tempo de exposição e de concentração.
7	Lorenzini, E.; Costa, T.C.; Silva, E.F. (2013)	Prevenção e controle de infecção em unidade De terapia intensiva neonatal	Evidenciou-se que a equipe de enfermagem possui grande conhecimento sobre os fatores que facilitam a prevenção e controle das IRAS em UTIN, sendo o principal, a higienização das mãos. Entre os fatores que dificultam o controle e prevenção, estão a superlotação e a excessiva carga de trabalho. A atuação eficiente e qualificada da equipe de enfermagem constituiu-se em estratégia de prevenção e controle das IRAS.
8	Oliveira, A. C.; Gonzaga, G.; Costa, R.; Damasceno, Q.S.; Garbaccio, J. L. (2013)	Desafios e perspectivas para a contenção da resistência bacteriana na óptica dos profissionais de saúde	Os micro-organismos resistentes foram referidos por 95,3% como problema muito importante, apontando o <i>Acinetobacter baumannii</i> multirresistente e o <i>Staphylococcus aureus</i> resistente a <i>metilina</i> como os mais prevalentes. A ocorrência de micro-organismos resistentes foi atribuída à não adoção de precaução padrão (34,9%) e aos procedimentos invasivos (21%); 76,7% afirmaram perceber a higienização das mãos como muito eficaz; 55,8% apontaram a categoria médica no foco de atenção para treinamentos. Apesar da percepção da resistência bacteriana pelos profissionais, tal fato não repercutiu em maior adesão às medidas de controle.
9	Oliveira, A.C.; Paula, A.O. (2013)	Infecções relacionadas ao cuidar em saúde no contexto da Segurança do paciente: passado, presente e futuro	Destaque-se que a abordagem multifatorial para o controle das IRAS pode ser favorecida por meio da vigilância contínua e efetiva da infecção, da monitoração da higienização das mãos e de recursos para a adesão às precauções, enfatizando o comportamento individual e coletivo. Reafirma-se a responsabilidade de cada um, com vista a segurança do paciente na estratégia "Tolerância zero" (resposta aos comportamentos e práticas inseguras que colocam em risco a saúde de pacientes e profissionais).

10	Anacleto, A.S.C.B. (2017)	Higienização das mãos como prática do cuidar: reflexão acerca da responsabilidade profissional	A higienização das mãos (HM) representa uma prática fundamental do cuidado de enfermagem e é tradicionalmente considerada como a medida mais importante e eficaz na prevenção e controle de infecções relacionadas à assistência à saúde. Entretanto, estudos apontam que a adesão ao procedimento é insatisfatória em todo o mundo e evidenciam baixas taxas de adesão.
11	Prado, M.F.; Maran, E. (2014)	Desafio ao uso das preparações alcoólicas para higienização das mãos nos serviços de saúde	A comprovação da eficácia antimicrobiana das preparações alcoólicas por métodos rigorosos que simulam condições práticas de uso é fundamental para a utilização destes produtos nos serviços de saúde. Coexistem ainda outras variáveis envolvidas na eficácia do procedimento de higienização das mãos, tais como a sua duração, o volume do produto a ser aplicado e a aceitabilidade.
12	Oliveira, A.C.; Paula, A.O. (2013)	Intervenções para elevar a adesão dos profissionais de saúde à higiene de mãos: revisão integrativa	O grande desafio encontrado se constituiu em não só elevar as taxas de adesão à higiene de mãos, mas, sobretudo, mantê-las elevadas. Observou-se a necessidade de utilizar estratégias multimodais que contribuam para a mudança de comportamento considerando a realidade local.
13	Caires, M. S.; Neto, J. T.; Muniz, P. A.; Filho, V. S.; Santana, A. C. (2014)	Avaliação das Práticas de Higienização por Estudantes de Medicina da Universidade Federal da Bahia (Brasil) durante Atendimento Clínico	Observam-se resultados divergentes quanto ao conhecimento dos estudantes sobre as normas de higiene e à sua conduta na prática médica. Alguns fatores que levam à não adesão à técnica asséptica pelos estudantes são a abordagem teórica sobre higienização e biossegurança em período diferente do da prática, falta de fiscalização, carência de insumos e materiais, e má conduta de alguns profissionais de saúde.
14	Prado, M. F.; Hartmann, T.P.S.; Filho, L. A. T. (2013)	Acessibilidade da estrutura física hospitalar para a Prática da higienização das mãos	A higienização das mãos é o procedimento mais simples e eficaz na prevenção e controle das infecções relacionadas à assistência à saúde. Contudo, a adesão a esta prática é excessivamente baixa. Considera-se a infraestrutura inadequada dos serviços de saúde um dos fatores relacionados à baixa adesão.

15	Nogueira, L.S.; Rebustini, R.E.L.F.; Poveda, V. B.; Silva, R.C.G.; Barbosa, R.L.; Oliveira, E.M.; Andolhe,R.; Padilha, K.G. (2015)	Carga de trabalho de enfermagem: preditor de infecção relacionada à assistência à saúde na terapia intensiva?	Os fatores preditivos de IRAS em pacientes internados nas UTI analisadas foram tempo de permanência na unidade, gravidade, sexo masculino e comorbidades. A carga de trabalho de enfermagem não exerceu influência na ocorrência deste desfecho.
16	Oliveira, H. M.; Silva, C.P.R.; Lacerda, R.A. (2016)	Políticas de controle e prevenção de infecções relacionadas à assistência à saúde no Brasil: análise conceitual	Enfatiza-se que somente criar políticas, estabelecer normas, diretrizes e indicadores não são suficientes. Se não houver suporte de estrutura e condições para as intervenções nas práticas dos profissionais na assistência prestada ao paciente, visando resultados em níveis aceitáveis, o controle das IRAS não será alcançado.

Foi realizada leitura analítica dos artigos selecionados que possibilitou a organização dos assuntos por ordem de importância e a sintetização destas que visou à fixação das idéias essenciais para a solução do problema da pesquisa. Para operacionalizar a pesquisa os achados serão discutidos em categorias.

Os resultados dos estudos destacam que as Infecções Relacionadas à Assistência à Saúde (IRAS) representam um grande problema para a segurança e qualidade de vida do paciente, além disso, seu impacto pode resultar em morte, hospitalização prolongada, incapacidade ao longo prazo, um grande encargo financeiro às instituições de saúde e custo elevado para o paciente e seus familiares (WHO, 2011).

Conforme apresentado no estudo (9) no Brasil, as primeiras iniciativas começaram a acontecer na década de 1970, quando o antigo Instituto Nacional de Previdência Social (INPS) propôs a criação da CCIH nos hospitais a ele credenciados.

Nos estudos (2, 3, 5,) os autores exploram a importante atuação do Enfermeiro na prevenção e controle do aparecimento de infecções hospitalares, sendo este um problema de saúde pública. Os estudos demonstram que a educação continuada é um fator determinante para a redução das Infecções Hospitalares, e que a atuação dos profissionais Enfermeiros é imprescindível para o sucesso das medidas necessárias ao seu combate.

Nessa conjuntura, o enfermeiro, por possuir um contato mais próximo com os

pacientes, torna-se um membro importante e indispensável na Comissão de Controle de Infecção Hospitalar (CCIH).

A importância da lavagem das mãos ganhou grande destaque nos estudos (1, 4, 10, 11,12). A higienização das mãos é considerada a medida mais importante no controle das IRAS. Vem ganhando espaço nos últimos anos, principalmente com as publicações dos Guidelines do CDC e da OMS, as quais trouxeram atualizações baseadas em evidências sobre Higienização das Mãos, os momentos para sua realização, técnicas e produtos utilizados, dentre outros.

O contato das mãos é uma das principais formas de transmissão de microrganismos de uma pessoa para outra. Dados mundiais indicam que de 2 a 3 milhões de mortes em todo o mundo têm como agente causal a diarreia, facilmente prevenível com a antissepsia das mãos. Além disso, o uso de adornos (anéis, pulseiras, relógios, etc.) durante a higienização das mãos oferece maior risco na manutenção nas mãos de bacilos *Gram* negativos e *S. aureus*, patógenos comuns em infecções nosocomiais conforme exposto no o estudo (13).

As infecções relacionadas a assistências de saúde causam grandes impactos para o sistema de saúde, pacientes e família, além de elevar os índices de mortalidade (OLIVEIRA; MARUYAMA, 2008).

Em destaque, observam-se medidas preventivas referentes à higienização das mãos, isso porque elas são o principal vetor na infecção hospitalar, pois estão em contato com a microbiota de cada paciente acamado. Esses microrganismos que se instalam nas mãos dos profissionais de saúde e que podem ser levados de um paciente para o outro são conhecidos como flora transitória.

No estudo (6) foi exposto que mesmo que o uso de hipoclorito de sódio apresente eficiência na sua ação contra microrganismos relacionados com transmissão de IRAS, várias questões ainda dificultam a elaboração de um protocolo para seu uso seguro, que inclua, principalmente, uma relação entre sua concentração, tempo de ação, tipo e resistência do microrganismo, tipo e concentração de sujidade.

No entanto, nos estudos (7, 14, 15) ainda se evidencia a negligência dos serviços de saúde em relação os aspectos físicos, pois existem falhas na oferta de insumos e equipamentos, tais como a dificuldade de acesso às pias e dispensadores e localização distante do ponto da assistência ao paciente, o que pode dificultar a adesão em relação a lavagem das mãos. Também entre os fatores que dificultam o controle e prevenção, estão a superlotação e a excessiva carga de trabalho, além do excessivo uso de luvas e

conhecimento inadequado dos profissionais de saúde sobre as indicações para higienizá-las (WHO, 2009).

Observa-se que elevar a taxa de adesão à higienização das mãos é uma tarefa complexa que extrapola o simples fato de educar os profissionais, sendo necessárias estratégias que contribuam para a mudança de comportamento dos mesmos.

Deste modo o estudo (8) sugere-se assim maior atenção à realização de treinamentos, reuniões científicas e encontros voltados para a abordagem da resistência bacteriana em treinamentos envolvendo todos os profissionais. A proposição de abordagens como fóruns de discussão entre os profissionais em relação às dificuldades percebidas e perspectivas relatadas pode favorecer uma maior compreensão do problema, além de subsidiar a elaboração de metas que busquem alcançar a máxima adesão às boas práticas visando um cuidado mais seguro.

Dessa forma, o estudo (16) enfatiza que a prevenção IRAS envolve diversos segmentos, como a gestão de qualidade e recursos para garantia de estrutura de trabalho, como atenção à higiene, formação de profissionais de saúde e pessoal, conhecimento constante das mudanças dos agentes infecciosos, que levam ao crescente aumento do risco de infecção, associado a avanços nos cuidados médicos e pacientes cada vez mais vulneráveis. Ações que envolvam a lavagem das mãos, dos ambientes de limpeza e esterilização de instrumentos são as melhores formas de prevenir infecções hospitalares. Porém, sabe-se que não é tão simples assim, pois requer de todos os envolvidos um compromisso em manter um ambiente complexo, em um lugar seguro para paciente, trabalhadores e familiares, segundo a realidade local.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A enfermagem é uma profissão comprometida com a saúde do ser humano e da coletividade, pois atua na promoção, proteção, recuperação da saúde e reabilitação das pessoas, respeitando os preceitos éticos e legais. O profissional enfermeiro presta assistência à saúde visando à promoção do ser humano como um todo.

Os profissionais de enfermagem têm um papel essencial na adesão e na inserção dessa prática na rotina de trabalho. O enfermeiro deve supervisionar a adesão à prática de lavagem das mãos e a realização correta de sua técnica. Ele pode utilizar a educação em saúde, promovendo palestras de conscientização, e também reforçar ensinando a maneira correta de se lavar as mãos.

Baseado nos estudos encontrados destaca-se a dificuldade de manter a sustentabilidade das taxas de adesão à Higienização das Mãos, sendo que esta depende de diversos fatores, inclusive aspectos individuais, comportamentais, culturais, organizacionais, dentre outros, que devem ser levados em consideração durante o planejamento das estratégias a serem empregadas.

De acordo com Santos (2012), a higienização das mãos é considerada a ação isolada mais importante no controle de infecção no serviço de saúde. Porém, a falta de adesão dos profissionais de saúde a esta prática é uma realidade que vem sendo constatada ao longo dos anos e tem sido objeto de estudo em diversas partes do mundo.

6 REFERÊNCIAS

1. ANVISA. AGÊNCIA NACIONAL DE VIGILÂNCIA SANITÁRIA. Segurança do Paciente: higienização das mãos. Brasília: **Anvisa**, 2014.
2. ANVISA. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Curso básico de controle de infecção hospitalar. **Caderno B**: principais síndromes infecciosas hospitalares. Brasília, 2000, p. 31- 54.
3. BARRETO R.A.S.S, Rocha L.O, Souza A.C.S, Tipple A.F.V, Suzuki K, Bisinoto S.A. Higienização das mãos: a adesão entre os profissionais de enfermagem da sala de recuperação pós-anestésica. **Rev Eletr Enf.**, v. 11, n. 2, p. 334 – 340, 2009. Link de acesso: <http://www.fen.ufg.br/revista/v11/n2/v11n2a14.htm>
4. CAVALCANTI, Iracema; HINRICHSEN, Sylvia Lemos. Infecção hospitalar: importância e controle. In: HINRICHSEN, Sylvia Lemos. Biossegurança e controle de infecções: risco sanitário hospitalar. Rio de Janeiro: **Medsj**, 2004, p. 273 - 281.
5. DANTAS, Rodrigo Assis Neves et al. Higienização das mãos como profilaxia das infecções hospitalares: uma Revisão. **Revista Científica Internacional**, v. 3, nº. 13, p. 85 - 103 maio/jun. 2010. Link de acesso: <http://ftp.interscienceplace.org/isp/index.php/isp/article/viewFile/131/130>
6. Felix CCP, Myadahira AMK. Avaliação da técnica de lavagem das mãos executadas por alunos do Curso de Graduação em Enfermagem. **Rev Esc Enferm USP**, 2009, p.139 - 145.
7. LACERDA, Rúbia Aparecida. O significado político-social das infecções hospitalares e seu controle para a saúde coletiva. In: FERNANDES, Antônio Tadeu (Org.). Infecção hospitalar e suas interfaces na área da saúde. São Paulo: **Atheneu**, 2000, p. 1618-32.

8. OLIVEIRA A.C, Cardoso C.S, Mascarenhas D. Conhecimento e comportamento dos profissionais de um centro de terapia intensiva em relação à adoção das precauções de contato. **Rev Latino-Am Enfermagem**, 2009. Link de acesso: http://www.scielo.br/pdf/rlae/v17n5/pt_05.pdf
9. OLIVEIRA, Rosângela de; MARUYAMA, Sônia Ayako Tao. Controle da infecção hospitalar: histórico e papel do Estado. **Rev. Eletr. Enf.**, Goiás, v. 10, nº. 3, p. 775 – 783, 2008. Link de acesso: <http://www.fen.ufg.br/revista/v10/n3/v10n3a23.htm>
10. PEREIRA, Milca Severino et al. A infecção hospitalar e suas implicações para o cuidar da enfermagem. **Texto Contexto Enferm.**, v. 14, nº. 2, p. 250 – 257, 2005. Link de acesso: <http://www.scielo.br/pdf/tce/v14n2/a13v14n2.pdf>
11. PERRY, Potter. Fundamentos de Enfermagem. 7. ed. Rio de Janeiro: **Guanabara Koogan**, 2010.
12. SANTOS, Adélia Aparecida Marçal dos. Higienização das mãos no controle das infecções em serviços de saúde. **RAS**, v. 4, nº. 15, abr./jun. 2012. Link de acesso: http://www.anvisa.gov.br/servicosaude/controle/higienizacao_mao.pdf
13. SILVA, Hylarina Maria Montenegro Diniz. Ecos da experiência: os custos invisíveis da infecção hospitalar. Natal, 2000. 65 p. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
14. World Health Organization - WHO. WHO guidelines on hand hygiene in health care. First global patient safety challenge: clean care is safe care. Geneva (SUI): WHO; 2009.
15. World Health Organization (WHO). Report on the burden of endemic health care-associated infection worldwide - clean care is safer care. Geneva: WHO; 2011.